

INTRODUÇÃO CRÍTICA

GUSTAVO BARROSO E O REGIONALISMO

OTACÍLIO COLARES

da Academia Cearense de Letras

NA VASTA OBRA LITERÁRIA (mais de cem títulos) de Gustavo Barroso, a partir do antológico *Terra de sol*, de estréia auspiciosa, em 1912, até sua publicação derradeira em livro, *História do Palácio Itamarati*, em 1956, o que poderá o historiador, assim como o crítico, descobrir facilmente é a existência de um vasto e variado leque de manifestações do escritor, na maleabilidade de sua capacidade de transmitir, pela palavra escrita, que também se registrava no conferencista e no orador de massas, já o emocionante de algo nascido da força imaginativa, já o fato talvez recriado, com base no que se ouviu contar e se transforma em algo de características pessoais, bem assim um fato histórico, que há de chegar ao leitor com o tonus da *estória*, esta, arte de contar, e não da *História*, ciência de provar. A par disso, vamos dizer, que são virtuosidades do escritor, há também, manifesto e insofismável, o profundo sendo da observação, esta sempre bem orientada no sentido de transmitir ao grande público o sentimento e a inteligência das coisas.

Tendo estreado, como já se disse, em 1912, com um livro que estava destinado a abrir-lhe as portas da fama e popularidade literárias, no ebuliente meio intelectualista que vivia o Brasil nas duas primeiras décadas deste século, o que se viu foi um como eclodir insopitável, no jovem escritor de 24 anos, de uma tumultuária fonte de sugestões que uma pena habilíssima de colorista lançava em livros nos quais, a par do literário, no tocante a um estilo eminentemente aliciante, havia, revelado, o espírito de aguda observação, embasado mais em si próprio do que num lastro cultural, que não se podia realmente encontrar ainda em moço que, em suas memórias da infância e juventude, dizia mais ter brincado que estudado.

Assim é que, depois de *Terra de sol*, subtulado — *Natureza e costumes do Nordeste*, apareceria, já com o autor radicado no melhor ambiente literário do Rio, popularizado também com o pseudônimo de *João do Norte*, o homem ainda inteiramente voltado para as lembranças e experiências da terra natal, como o provam os livros *Praias e várzeas*, Rio, 1915; *Heróis e bandidos*, Rio, 1917; *Ao som da viola*, 1921, e *Alma sertaneja*, 1923, para só aludirmos àqueles volumes cujo conteúdo, já de ficção pura, já de fatos possíveis de

observados, ou de aprofundada colheita nas fontes da tradição popular nordestina, revelavam no moço escritor, rapidamente acolhido no cenáculo da propecta Academia Brasileira de Letras, na última data acima citada, uma sensibilidade e uma inteligência de sentido telúrico indiscutível.

Deve ser dito — e já o dissemos em outra oportunidade, em pequeno ensaio¹ que, se Gustavo Barroso houvesse, de cedo, dedicado suas vocações a um ou dois ramos apenas da imensa aura de sua atividade de observador e escritor, talvez não houvesse, em muito do que escreveu à conta de uma enorme facilidade natural, sido alvo de críticas azedas ou reservadas que lhe fizeram alguns, em parte com alguma verdade mas em parte com incompreensão, quando não despeito, dedicavam-se, ao tempo, ao que Almeida Fischer, crítico agudo de nossos dias, dá como título a seus livros que compendiam trabalhos de análise literária — “áspero ofício”...

Longe de nós, nesta simples apresentação crítica de duas pequenas obras do historiador, sociólogo, folclorista expressivo e narrador contagiante, a pretensão de um estudo abrangente da obra do autor de *Ao som da viola*. Apenas, no tocante a essa proliferação exagerada de títulos de sua bibliografia, diremos que viveu Gustavo Barroso a fase mais dinâmica de sua vida de escritor, ao tempo em que a figura do chamado *polígrafo* constituía requinte da moda, admitindo-se como norma o literato que, ao lado da ficção ou da poesia, fizesse o jornalismo diário ou hebdomadário e ainda freqüentasse cafés boêmios e rodas elegantes, emulados os mais jovens pela intensa e quase milagrosa ação literária desse extraordinário Coelho Neto que, enfim, aos poucos, vai sendo redimensionado para, logo mais, aparecer em sua grandeza real, esquecido ou ignorado pelas novas gerações, desde que sobre ele e sua produção vastíssima e cheia de calor caiu, impiedosa e injusta, e apressada em muita coisa, a mais inflamada vergastada dos modernistas de 22 a 30.

Realmente, entre 1910 e 1920 ou pouco mais, Coelho Neto era o padrão natural pelo qual se guiavam os novos escritores, sobretudo os que demandavam, dos diversos pontos do Brasil, a antiga Capital Federal, fascínio e meta aos mais ambiciosos. Daí, homens como Gustavo Barroso, Carlos de Vasconcelos, Almáquio Diniz, Álvaro Moreyra, José do Patrocínio Filho, Olegário Mariano, e entre esses o curioso Benjamin Costallat, aqui e ali, concordarem com uma literatura de concessões ao que chamaríamos de literatura prato-dodia, que não chegava ao vulgar, antes, ao circunstancial, ao passageiro, numa época que era, na verdade, de transição no sentido mais lato.

¹ Otacílio Colares. *Lembrados e esquecidos / II*. Imprensa Universitária do Ceará. Fortaleza, Ceará, 1946.

Afinal, se em 1914 o mundo entrara em uma guerra cruenta, em 18 dela saíra, com uma Europa a transformar as descobertas feitas para a luta e a morte em artifícios para o luxo e a euforia meio dionisíaca do sexo, afazendo-se o artista aos costumes dominantes no chamado "high-life", sociedade em cujo seio já não mais preponderavam as tradições nem preconceitos, que, no após-guerra, a plutocracia superpôs-se à aristocracia. Daí uma certa literatura beletrística e preciosística, que levaria o já citado Benjamin Costallat, também editor, a escrever romances como *Mlle. Cinema*, lido avidamente pela juventude estudantil, e por ele inteligentemente intitulada — *novela de costumes do momento que passa*, editando ele, ao mesmo tempo, o livro do também original Romeu d'Avelar *Os devassos*, subtulado *romance de escândalo*. Enquanto isso, e só à guisa de ilustração, aludir-se-á a *A sinistra aventura, reminiscências das prisões inglesas*, por José do Patrocínio Filho, e *Ban-ban-ban*, do hoje mais conhecido como compositor popular Orestes Barbosa, livro que a editora anunciava como

interessantíssimo flagrante dos costumes do "bas-fond" carioca. Livro de escândalo.

Aliás, com relação a essa diversificação de temas e mesmo de orientação que tantos hoje condenam e denominam enfaticamente de falta de unidade, vale lembrar o que escrevia, com sua providencial clarividência, ainda nos princípios de sua atividade de crítico, mestre Alceu Amoroso Lima, no Capítulo XIV / Contos, de seus *Estudos*, a propósito, dentre outros, do livro de Gustavo Barroso — *Casa de maribondos*, S. Paulo, Monteiro Lobato & Cia., 1921, *Mosquita muerta*, Buenos Aires, La Novela Semanal, 1921:

A unidade de uma carreira literária não está no assunto, mas no espírito. Pode-se mesmo dizer que unidade de assuntos, nos temperamentos propriamente literários, é sinal de pobreza.

Mais adiante, incisivo, dizia o mestre:

O escritor deve variar para renovar-se. Não é preceito este que seja necessário recomendar aos nossos. Aqui, mais do que em qualquer outro país, não só é rara a unidade das carreiras literárias, senão também, quando existe, provém quase sempre da harmonia apontada. O escasso gosto que demonstramos por toda especialização revela-se, inclusive, nessa variedade de obras num mesmo autor. Há nisso curiosidade de espírito como incontinência de atenção.

O crítico atilado estava, então, com uma conceituação que se coadunava com o espírito cosmopolita das primeiras décadas, afeito esse espírito à influência do após-guerra na Europa, ao qual não fugiram, em meio às diversas feições de seu movimento, certos pequenos grupos como o de Oswald de Andrade, em conflito com o nativismo dos verdeamarelistas...

No caso de Gustavo Barroso, historiador, folclorista, que mestre Afrânio Coutinho, em sua *Introdução à literatura brasileira* (7ª ed.,

1975) aponta, ao lado de Mário Sete, como criadores da linha neo-regionalista, que

compreende os modernos "ciclos" da ficção brasileira, muitos dos quais mergulham raízes no passado

mas também homem de cultura em grande parte absorvida em contato direto com a Europa, no seu caso, repetimos, podiam conviver sem conflitos o regionalismo, redundante em nacionalismo, e o cosmopolitismo.

Acreditando ter situado a contento Gustavo Barroso no complexo literário do Brasil em que se desenvolveu com mais ênfase a sua arte-ciência de homem de letras, atenhamo-nos às duas obras que nos incumbe estudar e que são anunciadas pela ordem de sua publicação: *Praias e várzeas*² e *Alma sertaneja*.³

Num como noutro destes livros daquela prosa que diríamos ser ainda alencarina, pela musicalidade, mas, já em parte, pessoal, pelo cunho de realismo regional, quase — diríamos — tendente ao documental, num como noutro, o leitor preocupado com definições rígidas esbarra com o dilema: são contos o que está em ambos os volumes reunidos, ou apenas o são no que a palavra *conto* significa *invenção* e a palavra *raconto* é entendida como repetição (podendo ser modificada) de velhas narrativas.

Abordando, quando de seu aparecimento, em 1921, *Casa de Maribondos e Mosquita muerta*, a que já aludimos, tentando classificar as estórias em ambas as coletâneas reunidas, escrevia o também já citado Alceu Amoroso Lima:

Não se pode propriamente chamar de 'contos', ou seria baratear a palavra, a essas estórias leves e às vezes cômicas ou mesmo de espírito, simples casos autênticos, adaptados ou supostos, sem maior desenvolvimento ou impressão.

Talvez, neste caso de *adaptados* ou *supostos* estivessem as estórias, ou melhor, os episódios de *Praias e várzeas*, hoje raridade literária e bibliográfica, livro que reflete, no cearense erradicado da terra do berço, um profundo apego às coisas simples do chão nativo e de sua gente.

Seriam tais escritos racontos de estórias passadas de pais para filhos, geração após geração, e que sua memória guardou, fazendo chegarem a nós, à conta de sua capacidade recriadora, com as denotações de coisas inventadas? A verdade é que, apesar da aura misteriosa da ficção literária, há muito de "pathos" cearense na univer-

² Gustavo Barroso. *Praias e várzeas*. Lisboa, Livrarias Aillaud & Bertrand, 73, Rua Garrett, 1915.

³ Gustavo Barroso. *Alma sertaneja* (contos trágicos e sentimentais do sertão). Rio de Janeiro, Editores Benjamin Costallat & Miccolis, 1923.

salidade com que são apresentadas as coisas simples das simples gentes de entre litoral e sertão do *Siará-grande*.

O livro está dividido, como indica o título, em estórias que têm como cenários lugarejos típicos do litoral cearense, bem assim da zona interiorana.

No caso das estórias que chamaremos praianas, classificam-se: "Velas Brancas", "Finados", "Naufrágio" e "O Pescador". De várzeas, ou seja, de planícies de entre serras e sertões do Ceará, são os demais relatos, vamos classificá-los assim: "Santa", "Espectro", "Luíza do Seleiro", "O Patuá", "Absalão", "O filho de Guarari" e "Emboscada".

Há, no caso da única edição de *Praias e várzeas*, algo que, acreditamos, não há de ter causado alegria ao escritor: as ilustrações, que foram concebidas, evidentemente, longe do autor e realizadas pelo desenhista Alfredo de Moraes, evidentemente português. Sim, porque são lusitanas típicas todas as figuras humanas, seus trajos e os ambientes com que o artista intentou, baldadamente, dar idéia do que estava descrito e narrado em cada uma das estórias. A não ser que se admitisse — o que é difícil — que o folclorista e costumista de *Ao som da viola* e *Almas de lama e de aço* se houvesse rendido ao mal que a tanto escritor acometeu, em maior dose a Coelho Neto: o da crença na absorção, pelo mercado consumidor lusitano, das tiragens mais ou menos alentadas de livros brasileiros que se editavam em Lisboa ou no Porto...

A esse mal, até certo ponto pedante, já haviam feito concessão autores cearenses da mesma época, e vivendo no Ceará, dentre eles, Rodolfo Teófilo em alguns de seus livros, um desses, *Memórias de um engrossador* (homens e coisas do meu tempo) Lisboa, Tipografia A Editora, Largo do Barão, 1912; Papi Júnior, carioca de profunda vivência no Ceará, onde faleceu, e que publicaria seu volumoso romance *Gêmeos*, na Imprensa Moderna, no Porto, em 1914, bem assim Antônio Sales, cujo romance, *Aves de arribação*, por ele subtulado *novela cearense*, sairia a lume pela Tipografia A Editora Limitada, de Lisboa, em 1914...

Em face dessa extraterritorialização editorial, encontram-se facilmente, em livros como os citados, de envolta com expressões típicas do falar brasileiro e mesmo do cearense, certas outras que eram, ao tempo, e ainda são, hoje, lusitaníssimas, redundando, ao olhar ho-dierno, em puro esnobismo verbal...

No caso de *Praias e várzeas*, no entanto, o fato de sair o livro todo ilustrado a modos do tipo português, fica apenas nisso o que reputamos, quando não defeito, singularidade, porque, no resto, a narrativa é corrente e poética, nos já citados moldes alencarinos, com a virtude do emprego, já sem o vezo da apresentação gráfica em

grifo ou entre aspas, dos termos e expressões regionais, significando o autor, embora culto, já integrando ao seu estilo de erudito o falar popular nordestino.

Exemplo da afirmação, este trecho inicial do primeiro raconto do volume "Velas brancas":

Entrava já no septuagésimo quarto ano de vida o Matias Jurema, velho pescador do Meireles.⁴ Já não ia mais ao mar na jangada aventureira, para as pescarias abundantes de agosto, nem, de dia com o sol sempre a brilhar num céu varrido e lustroso como a prata líquida do luar a derramar-se sobre o extenso mistério das águas. Não é que a idade lhe tolhesse as juntas com dores reumáticas ou lhe fraquejasse o pulso cansado das manobras antigas. Outros, mais idosos que ele, ainda sustentavam filhos e netos com o que lhes dava a caçoeira e o anzol. Mas, por mal dos seus pecados, uma catarata cobria-lhe os olhos com um véu glauco, por trás do qual as argutas pupilas de pescador se esforçavam por distinguir o desmaio azul do céu no recuo do horizonte, com velas brancas saudosamente fugindo.

Teimava com a filha e o genro em andar sempre trajado de algodãozinho tinto de murici. Não ia mais ao mar. Não tinha precisão de roupas fortes. Porém queria mostrar a todos, os velhos atributos da profissão que lhe levara a vida inteira. Com mão segura, apesar da falta da vista, remendava com cipós novos os samburás gastos, tecia tarrafas para vender aos pescadores do Cocó,⁵ examinava as poitas,⁶ à procura de falhas que pudessem comprometer a segurança das jangadas dormindo confiantes na ancoragem dos tauassus.

Como se pode facilmente verificar, há todo um contexto informativo a par do conteúdo, vamos dizer, ficcionístico ou literário. E, acima disto, a preocupação de empregar toda uma terminologia regional praiana que, evidentemente, seria novidade absoluta para o leitor português, pois palavras como *murici* e *tauacu* são de origem tímica...

São assim, pautados numa preocupação de informar por meio do recurso aparentemente ficcional, todas as estórias dessa pequena jóia de nossa melhor literatura regional de entre praias e sertões cearenses, cuja reedição, há muito, estava a impor-se como medida de justiça.

⁴ Meireles é antigo trecho do litoral fronteiro à cidade da Fortaleza, antigamente um pouco afastada da praia fronteira à cidade, local de abicamento das jangadas para os negócios da venda do pescado e mesmo lugar preferido para moradia de jangadeiros. Hoje, com o crescimento violento da urbe, foi absorvida por ricas construções, dentre estas, as sedes de elegantes clubes sociais.

⁵ *Cocó*, rio que limita, ao leste, a cidade da Fortaleza. Em suas águas entre doces e salgadas da enseada, pescadores, com tarrafas e pequenas redes, pescam peixes de porte mínimo e camarões.

⁶ Chamam assim os pescadores de alto-mar, no nordeste, especialmente no Ceará, a pedras de tamanho avantajado, presas cada uma por três varas de madeira rija entrelaçadas em forma de cone por vigorosa cordoalha. Quando a jangada faz uma parada "na linha" ou nas "trinta e três", a *poita* é lançada ao fundo por meio de extensa corda, assegurando à leve embarcação estabilidade e permanência num mesmo ponto.

Valha, em apoio do que se afirma, o fato de verificar-se que, cada dia, mais e mais, a crítica e a historiografia literárias no Brasil valorizam os regionalismos das chamadas "ilhas" do "arquipélago" sócio-literário brasileiro.

No tocante a *Alma sertaneja*, que é de 1923, tem-se, decorrente de sua estréia, a impressão de que, em matéria de estilo, pelo menos no tocante ao seu escrever com base na exploração dos temas e clima regionais, existem as mesmas virtudes de *Terra de sol*. Isso fortalece a assertiva daqueles que consideram excepcionais os que, manejando a pena ao longo do tempo, denotam que, já na primeira obra realizada, hão definido as peculiaridades autênticas do seu escrever.

Influído, indisfarçavelmente, pela adentrada leitura de Alencar, mas já adulto intelectualmente, ao tempo em que o romantismo cedia o passo, inelutavelmente, ao realismo-naturalismo, e, com estes, no Ceará, de forma pioneira, a preocupação dos enfoques regionalistas, através de Rodolfo Teófilo, já ao escrever *Terra de sol*, a par de uma certa atmosfera poética, fez Gustavo Barroso sociologia, ao dividir seu estudo em *o meio, os animais, o homem, a arte e a lenda*, cada estágio aparentemente diferenciado um do outro, mas todos integrados num mesmo contexto de convivências e necessidades, incluídas nestas necessidades as lendas, como elementos de fuga a uma realidade sempre cada vez mais pungente.

E sempre, sempre, a avultar dentre o contexto da natureza cearense, como Anteu autêntico, o Homem, ora bravo e desassombrado, ora solerte por necessidade de sobrevivência: aqui, fatalista e conformado; ali, rancoroso por via do amor-próprio ferido; mais além, de alma chã, simples e boa, descantando descantes, pelas noites de estrelas e luar, ou na retaguarda das boiadas, ralentando a voz no aboio característico. Tudo isso está, explícito ou imanente, nessas estórias a que ele chama de "contos trágicos e sentimentais do sertão".

São nada menos de quinze estórias, ou episódios, muitos destes aludindo a locais que, ainda hoje, se conhecem, a fatos que têm toda a aparência de verídicos, se bem examinados, mas que, na primeira leitura, são assimilados pelo leitor como de pura invenção, nisso residindo, ao nosso ver, a arte maior do fértil escritor.

Em algumas das referidas estórias, mostra-se o sertanejo como que endurecido em experiências centenárias, talvez heranças avoengas de silvícolas, transformadas em abusões ou crenças nos maus fados ou *destinos*. Está nesse caso a narrativa intitulada "Cobra é o Diabo", de intenso sabor dramático. Nele o autor se faz personagem, como observador dos gestos e manifestações fatalistas de um caboclo estradeiro, profundo conhecedor de determinada região que considera "cama de cobras", como dizem nos sertões. Em determinado momento das andanças de ambos, o guia Luiz Fusco descobre o perigo, conforme se vê do trecho que aqui vai transcrito:

... Quase noite, calma completa e a fumaça subindo no ar, linheira como uma diáfana coluna branca. Mas um silvo vibrou sinistramente, adiante, no caminho. O sertanejo parou de súbito, narinas dilatadas, olhos vivos percorrendo o chão. Apontou-nos uma mancha mais escura que o barro do solo e que parecia mexer, a uns oito metros de distância. Mal a distingui.

— Cobra é o diabo! disse ele.

Levou a lazarina ao rosto e deixou-a cair na sua melhor posição de pontaria. O tiro partiu. A mancha escura distendeu-se e logo se imobilizou. Fomos ver o que era e levantei com o cano duplo da minha Flaubert uma cascavel de mais ou menos sete palmos e catorze anéis no chocalho, que estava de tocaia na vereda. O cafuz tomou-lhe a cauda nas mãos, contou esses anéis e exclamou, mostrando num grande riso os dentes brancos como marfim:

— Cada anel é um ano de idade. Catorze anos esta diaba!

A narração é incisiva, feita em corte, evitando os pormenores, que a noite no sertão de antanho era noite mesmo, e não permite detalhes. Em rápidos traços, mais pela ação que por outro qualquer recurso narrativo, o escritor pintou um dos tipos mais peculiares do Ceará, o do cafuso, originado do cruzamento ancestral do índio com o negro, muito próprio de certas regiões em que a lavoura andou parelha com o criatório, como no caso da zona norte, pelas faldas da cordilheira da Ibiapaba.

Para quem for perflustrar, certo interessadamente, as páginas reeditadas de *Alma sertaneja* não haverá necessidade de melhor amostragem que a de poucas linhas atrás, mas cumpre, nesta oportunidade, que mostremos, em traços rápidos, provas da preocupação de Gustavo Barroso em dar, em certos passos dessa coletânea de contos, ou racontos, certo *tonus* épico referente a heróis e fatos do meio sertanejo em que a vida de todo dia, àquele tempo mais que hoje, nos altos sertões, era pautada pela heroicidade muitas vezes pouco ou nada conhecida.

Está nesse caso o conto intitulado "Marialva sertanejo", o segundo, por sinal, na ordem de disposição das quinze estórias compendiadas.

Trata-se da estória do touro chamado Azulão, que era o rei dos demais amontados⁷ pelo coronel Paulo, no alto sertão, para periódicos torneios de valentia e destreza entre seus vaqueiros. Leiamos o que narra o escritor:

... O animal ficava selvagem e ele (*o coronel*) tentava a vaqueirama das ribeiras próximas a dar-lhe caça. O vaqueiro que lhe trazia a 'bassoura' do barbatão morto a tiros ou o próprio pegado a laço, derrubado a 'mussica' recebia

⁷ *Amontadas* são locais reservados, no sertão, pelos grandes donos de terras de criar, para a solta periódica dos gados novos, sobretudo barbatões, destinados à reprodução. Dão o verbo *amontar*, para significar soltar bois na reserva. No Ceará já houve uma localidade sertaneja denominada São Bento da Amontada e cuja atual denominação é somente Amontada, entre os municípios de Itapipoca e Morrinhos.

cinco patações de velha prata portuguesa e divertia-se em grande festa na fazenda, durante a qual os melhores cantadores o louvavam ao pé da viola. [grifos nossos].

Verifica-se na narrativa despreziosa o sentido épico da pega do barbatão, vinculado o feito do vaqueiro vencedor à perenização do nome, como herói, através da cantoria, que bem poderia, ao longo do tempo, ser transformada em A.B.C., um desses longos cantos épicos, alguns dos quais foram fielmente compilados e melhor comentados pelo escritor de *Ao som da viola*.

É interessante, no caso, a escolha do título da estória — “Marialva sertanejo”.

Quem conhece a literatura portuguesa, melhor dizendo, a da chamada ficção histórica lusitana, há de ter lido, ou no livro *Histórias e lendas*, de Rebelo da Silva, ou em antologias didáticas, o capítulo 10, intitulado “Última corrida de touros em Salvaterra”, em que a figura heróica do velho marquês de Marialva aparece na praça de touros, para vingar a morte do cavaleiro dos Arcos, seu filho, enfrentando e matando, a pé e a peito descoberto, com um golpe de espada no toutiço, o novilho bravo que havia, minutos antes, abatido o mais guapo mancebo da nobreza lusa, ao tempo de D. José I e do Marquês de Pombal...

Pois bem: no conto de Gustavo Barroso, chega o momento dramático em que um caboclo jovem achincalha o coronel, em resposta a seu desafio para que enfrente o touro, que resolvera abandonar a amontada onde andava, havia muito tempo, e voltara ao curral. Vamos ao texto, com a palavra ofensiva do coronel:

— Vocês são uns maricas! Súcia de medrosos!

Foi como uma chicotada que os vergastasse a todos, nas faces! Aqueles homens rudes, de rostos abaçanados sob os grossos chapéus de couro, não se atiraram ao insultador *detidos pelo respeito feudal* ao ancião, senhor da terra e do gado. Porém um, mais jovem e audaz, replicou:

— Se vosmicê não entra, coronel, é tão medroso como nós.

O velho caminhava já para casa, em cuja alpendrada a mulher e a filha o esperavam para jantar. Deteve-se e fulminou o rapaz com um olhar formidável, arrancou do cinto do homem que lhe ficava mais próximo a comprida faca de arrasto e disse, serenamente, ao seu vaqueiro:

— Jerome, abra a porteira!

Fez-se grande silêncio. Ao fundo do curral, o touro negro arfava. E diante dos vaqueiros, respeitosamente descobertos, aquele homem de setenta anos de idade, de longas barbas brancas, penetrou sem medo no recinto temível!

A mulher e a filha deitaram a correr, gritando, da casa para os currais; mas, quando ali chegaram, já ele estava no meio do cercado, de faca nua na mão, olhando corajosamente o touro. Ninguém se atrevia a dar uma palavra. Pareciam suspensas as respirações e os arrulos distantes das juritis escoavam como gemidos fúnebres.

O Azulão distendeu a poderosa musculatura num salto felino sobre o fazendeiro, que evitou o bote, pulando de lado e golpeando-lhe com a faca o pescoço de aço. Num repelão, o monstro voltou à carga. Já o velho se encostava à

cerca, defendendo as costas. Veio sobre ele numa investida delirante, não lhe dando tempo a esquivar-se. Houve um arrepio; depois, um grito de horror da assistência inteira.

O animal cravara as pontas finas no ventre do ancião, comprimindo-o de encontro aos mourões. Viu-se-lhe o braço nervudo erguer e abaixar a lâmina espelhante. Então, ficaram imóveis o homem e o touro.

Todos precipitaram-se no cercado e, quando se aproximaram do grupo petrificado, viram que o coronel estava morto, trespassado pelos chifres, cujas pontas fundamente se cravaram nos madeiros. Por isso, mantinha-se de pé o imenso corpo do Azulão; mas as pernas traseiras pouco a pouco cediam até que a vasta mole de carne e músculos abateu de vez. A facada do fazendeiro fora certa e mortal: penetrara em cheio no cabelouro!

Assim, fortes, no contexto como no estilo, são os contos de Gustavo Barroso, em *Alma sertaneja*, reflexos, como os de *Praias e várzeas*, de muito amor e muita vivência cearenses, na personalidade e obra do autor de tanta coisa saborosa e fundamental na evolução da literatura brasileira.

GUSTAVO BARROSO EPISTOLÓGRAFO

Gustavo Barroso foi um grande epistológrafo, e sua correspondência, ativa como passiva, haveria de dar vários volumes e margem para que se documentassem diversos e importantes estágios da vida sócio-político-cultural do Brasil.

Como, no caso, só interessa revelar o Gustavo Barroso na sua permanente preocupação com o Ceará, escolhemos duas das inúmeras e preciosas cartas do autor de *Terra de sol*, uma ao historiador da literatura cearense, Dolor Barreira, a outra dirigida à decana da biblioteconomia no Ceará e hábil pesquisadora Maria da Conceição Souza, a quem o autor da *História da literatura cearense* deveu o exaustivo trabalho de levantamento do vasto e esparso material a ser consultado e ordenado para a efetivação da obra em apreço, interrompida pela morte do autor.

Aí vão as cartas, escritas, aliás, pouco mais de um ano antes de falecer o escritor.

Rio, 19 de setembro de 1958

MEU CARO DOLOR BARREIRA:

Hoje é dia de soltar foguetes, pois recebi sua carta amiga! Sim, senhor! tive a força, com a minha doença, de obrigá-lo a romper o silêncio da preguiça. Dou a isso o devido valor e quase abenço o

ter sido operado, se não tivesse sofrido tanto. Na verdade, foi uma verdadeira catástrofe que se abateu sobre mim: impediu-me aceder a dois convites, um para o Congresso de Madri, outro para o congresso de museus de Copenhague; reteve-me uns meses na casa de saúde, fez-me perder 16 quilos de peso, transformando-me em esqueleto, atrapalhou meus negócios e custou-me quase 300 contos, levando-me economias longamente poupadas. Felizmente sobrenadei e já estou me integrando de novo nas minhas atividades, embora só tenha recuperado 5 dos 16 quilos perdidos e ainda sinta certa fraqueza. Quer me parecer, porém, que fiquei definitivamente curado dos meus enguiços intestinais, pois estou livre de dietas, comendo tudo e com as funções digestivas admiravelmente regularizadas. Foi uma grande experiência, em que vi a *comadre*, como dizem os franceses, de perto, tive de encará-la com a devida coragem e tirei a prova real das amizades. Confortou-me o apoio moral dos meus colegas de Academia e dos meus funcionários.

Ninguém compreende o seu silêncio-preguiça do que eu, pois vivi a meninice e a juventude entre gente que não respondia a cartas. Meu pai era um ás na matéria. Meu padrinho outro. Se reclamo de você, é pelo muito que lhe quero. Gostaria de estar presente à festa na Casa de Juvenal Galeno, mas creio que, neste fim de ano, difícilmo me será sair do Rio. Ninguém melhor do que você, mestre da história literária de nossa querida terra, para orador da comemoração. Estarei presente em espírito, ao seu lado. Como sempre dediquei a maior estima àquela instituição, fiquei admirado de em todo o transe por que passei não ter recebido uma palavra da minha cara amiga Henriqueta. Estará ela doente?

Tenho a sair do prelo, em "O Cruzeiro", o 1º volume dos "Segredos e revelações da História do Brasil" e estou preparando para a editora Aguilar um grande volume sobre minha Obra Regional, contendo *Terra de sol, Heróis e bandidos, Mula sem cabeça, Alma sertaneja, Tição do inferno, O santo do brejo, O sertão e o mundo*, com excertos de *Almas de lama e de aço, Livro dos enforcados, Ao som da viola, Casa de maribondos, Colunas do templo, Coração de menino, Liceu do Ceará, Consulado da China e Fábulas do tamanduá*.

É possível que, depois, se sigam outros volumes na mesma coleção de Obras Completas e Obras Seletas, sobre ficção e historiografia. Creio que você já deve ter visto os volumes aparecidos. Os últimos foram do Manuel Bandeira, prosa e poesia.

Bem, já conversei bastante para um convalescente e você já deve estar maçado. Dê um abraço à Conceição e receba outro afetuoso do seu amº

G. BARROSO

Rio, 25 de março de 1958

CARÍSSIMA CONCEIÇÃO:

Estou chegando de uma longa e fatigante excursão ao território das Minas e às cataratas do Iguaçu, e encontrando com alegria sua prezada carta, com boas notícias suas e do querido Dolor, mas cheias de más novas sobre o flagelo da seca. Nosso Ceará não tem descanso.

Ultimamente não tenho passado muito bem de saúde. A máquina que completa em dezembro vindouro 70 anos de uso diário está com os parafusos afrouxando. Ouve-se já um grilinho de vez em quando como nos automóveis que caminharam muito tempo por estradas ruins. As de minha vida nem sempre foram suaves. Atacou-me de súbito a doença do Eisenhower (que honra!), rebelde ileíte, inflamação do íleo, da qual, apesar de rigorosa dieta e tratamento adequados, ainda me não livreí de todo.

Respondendo às suas perguntas, digo-lhe que o Trianon onde pronunciei a Oração ao Ceará era um pequeno teatro existente na Avenida Rio Branco, local do edifício em que funciona um cinema, quase esquina da Rua Chile. Nele estrearam Leopoldo Fróis e Procópio Ferreira. Dessa oração parte está reproduzida em *Consulado da China*. Ignoro absolutamente quem se acobertava sob o pseudônimo de Joaquim Moacir.

Em 1898, tinha eu dez anos e vi a primeira seca. Indo com meu pai à tarde ao nosso sítio do Benfica, encontramos os cajueiros pejados de redes sujas de retirantes. Ele pegou-me da mão e, com os olhos rasos de água, me disse: — Meu filho, nunca pensei depois de 1877 ver mais estas cenas! Elas continuam pelo tempo além. Quando terá fim o doloroso martírio de nossa gente? Os governos se sucedem e os paliativos também. O que um Epitácio quer fazer um Bernardes destrói. Duro destino contra o qual temos de erguer o peito no desafio de sempre: desgraça pouca é tiquinho! ou bobagem...

Com as saudades de sempre, dum café, dum bate-papo, do ventinho de carícias femininas — mando-lhe um grande abraço. Transmite-o ao Dolor. E que Deus lhes dê vida e saúde.

Do

GUSTAVO

Os sinceros agradecimentos do organizador desta edição à Professora Maria da Conceição Souza, hábil pesquisadora, a cujos preciosos arquivos epistolares e iconográficos recorreu e que lhe foram franqueados leal e entusiasticamente, como sempre tem ocorrido, em seu auxílio, quando se trata de algo que vise ao engrandecimento e divulgação da literatura do Ceará.